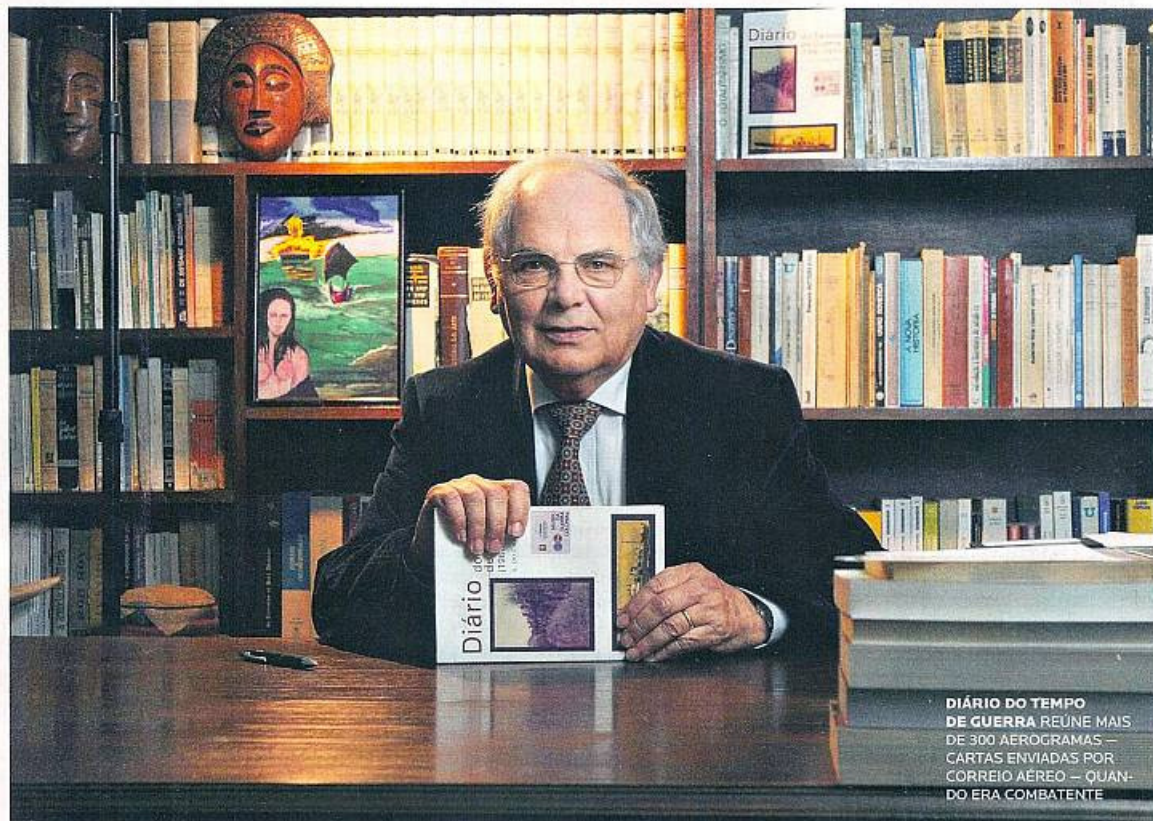


# Meu querido diário

É uma das formas mais antigas de terapia: escrever sobre as angústias ou alegrias. Cinco pessoas confessam o que escrevem nos diários, ora em papel ora em blogue. TEXTO DE KATYA DELIMBEUF



DIÁRIO DO TEMPO DE GUERRA REÚNE MAIS DE 300 AEROGRAMAS — CARTAS ENVIADAS POR CORREIO AÉREO — QUANDO ERA COMBATENTE

documentos originais: acabou por destruir toda a epistolografia. “O conteúdo não era só narrativa do dia a dia de guerra”, explica. “A matéria principal era a relação com a minha namorada, de foro íntimo, que só a nós dizia respeito. E o Amor não precisa de ficar documentado...”, diz. “Desde o primeiro dia em que cheguei à EPI (Escola Prática de Infantaria, ou ‘entrada para o inferno’), pensei em escrever um livro”, confessa, “que, no futuro, pudesse ser testemunho de uma experiência dolorosa. Fui escrevendo pelo gosto de escrever. Para ocupar o tempo, tinha o comando da tropa e as patrulhas do mato”, conta. “E tranquilidade sempre tive, desde que acordasse com os dedos dos pés a mexer, com a dose suficiente para superar a tensão da contra-guerrilha.”

“Havia alturas que escrevia mais, outras que escrevia menos, mas escrevia sempre”, continua Antônio. “Textos mais longos para contar patrulhas de uma semana por picadas, florestas e pântanos, textos mais breves para os dias sem história — que eram a maior parte. Nos intervalos, agarrava-me às sebtas da Faculdade de Letras com o projeto de concluir a Licenciatura — o que fiz, em 1970. Não queimei fitas, queimei galões, fiz pela vida, como me ensinaram os meus pais — foi a sorte e foi o combate de quem não é filho da Casa d’Áustria.” O que mais o marcou foi “o isolamento.” E “o ataque da FNLA ao acampamento, numa madrugada de Setembro... Ao romper do dia seguinte, vi que uma bala tinha passado a um palmo da cabeça! Ninguém morreu. O que houve, por causa de tiroteios e tempos infínitos sem fazer nada, foi malta a cacimbar...”, partilha. Continuou a escrever pela vida fora. Aliás, conta ter “originais a apodrecer nas gavetas da secretária.” E o diário dos tempos de guerra só chegou às bancas por “alguém ter sido suficientemente generoso” para aceitar a sua proposta de edição. Ainda bem.

## Memórias de Angola

Antônio do Carmo Reis, ex-combatente, 68 anos

CATXINGA, 7 de setembro de 1968. Tiro-teio em Catxinga City! Dez minutos debaixo de fogo! Acordei com o matraquear das metralhadoras. As balas sibilavam no chão da parada e o estrépito do morteiro ribombou com o estrondo das granadas caídas na encosta do morro. Eram duas da manhã. Quando a cadência do tiro intervalava, a caminho do fim, ouvia-se ainda cantar a Breda, e a boa disposição dos nossos soldados decorava uma pesada atmosfera de pólvora com insultos escabrosos e maldições ao turra. Ao romper d'alva, a frente norte do acampamento estava coberta de cápsulas e alguns panfletos convi-

davam os sobas da sanzala a fugir para o Congo. Reparei então que uma bala abriu um buraco a um palmo onde inclinara a minha cabeça! Estou vivo!”

Este é um excerto do livro “Diário do Tempo de Guerra”, de Antônio do Carmo Reis, que reúne mais de 300 aerogramas — as cartas que se enviavam por correio aéreo — escritos pelo punho do alferes miliciano da frente de combate. O local era Angola, o ano 1968, o motivo do desterro a Guerra Colonial que a metrópole travava com as suas potências ultramarinas. A

Comissão Militar em Angola, como alferes miliciano de Cavalaria, Antônio cumpriu-a ao comando do destacamento de “Catxinga City, como gostava de lhe chamar. Uma colina sobranceira ao rio Cuango, a perto de 30 km do Congo. Passei dois anos de degredo no alto daquele morro, com o meu pelotão, num acampamento rodeado de trincheiras e arame farpado”, recorda.

Professor (secundário e universitário) atualmente aposentado, a viver em Vila do Conde, Antônio encontrou algum descanso na publicação do livro, que ditou um fim sumário aos

REVISTA ÚNICA - 11/12/2010

Antônio do Carmo Reis, cumpriu a sua comissão de serviço militar num destacamento da CCav2331, a qual esteve aquartelada no Mussuco\* entre Fevereiro de 1968 e Março de 1970

